

DOIS POEMAS DE LUCAS LIMBERT

GRÃO

Lentos grãos de areia
Despedem-se da sola
Dos pés descalços na rede.

Voam até o chão
Em queda imperceptível
Levando as memórias
De caminhos tranquilos

Onde pisara aquele pé
Que trouxe para o grão
O peso do seu pé?

Andara por guerras
Ou solos áridos
Por asfaltos cálidos
Ou picadeiros em chamas?

Quem era?
Todo grão quer saber
Qual a origem do pisão
Alegre criança ou duro ancião

São resquícios que a terra
Esquece nos homens
Pra lembrar o rumo
De nossas pisadas.

SUÍTE EM QUATRO TEMPOS

I – Poesia urbana

Luzes velozes cruzam.
Meu verbo interrompe-se
pela ausência de espaço.
Seu completo, é vácuo.
Puro cosmopolitismo
denso e compacto.
Como o verso pulso.
Como o homem rude
que é belo dragão.
Um tambor desmesurado
de vida, de amor,
de menino maduro.
Latino e completo.
Velho e infante.
Como um pássaro ávido
ao beco da gaiola preso
que no piscar da liberdade
inverte a lágrima suada
em horas azuis de madrugada.
Vento no rosto cansado
é rejuvenescer inflado,
é promessa aguda
de mais e mais verbos,
quem sabe adjetivados
pelo melhor léxico encontrado.
Pela paz que rima
o pródigo, profícuo
em ondas antigas
de vinis empoeirados.

II – Churrasco futuro

As ruas estão cheias
Os pombos não migalham mais
Não sobra cisco sobre pedra
O povo lambeu o que restou
As sombras quebram o sol
O calor fustiga a pele seca

Um homem enforcou uma senhora
Que não deu passagem para seu ser.
Máquina de rodas!
Até que seus restos espalhados
Serviam de sustentação de um bairro.
Houve churrasco de senhora enforcada
No beco da rua de baixo
Com o edifício do vapor rápido
Na rua vazia do número ausente.

III – Terra cobertor

Um fogo cruzado no chão
Poeira negra no final da tarde
O medo que assombra a noite
Ovelhas correm desnordeadas.
A terra.
O silêncio que acalma
É, por vezes, zumbido
A chaleira irrompe ao fundo
Marasmo perigoso no latifúndio
Um estampido assombroso
Acua o menino no colo da avó
Outro baque, mais um, outro.
A bruxa está no moinho
Ventando gritos nos bate pernas
Mais tiros. Balas secas
Silêncio e medo e grilos...

Canta o galo na aurora desgraça
Pegadas fundas apresentam
A noturna correria estapafúrdia
Fogo.
Poças alagadas de sangue.

Um lavrador a menos
na guarita da ocupação
Um trabalhador a mais
Junto a terra cobertor.

IV – Dedo na sopa

Vai ao caos
Estúpido narciso
Avante prole
Ceifar os malditos

Segunda-feira
em segundos
Cada semana
uma semana a menos
para os que não vivem
a plenitude do inexplorado
As feridas do mundo
esperam o seu dedo.

Lucas Limberti é mestrando em Teoria Literária sob orientação da Profa. Dra. Viviana Bosi, com graduação em Letras e habilitação em Língua e Literatura Italiana pela USP. cursou Jornalismo na UESP e é autor dos livros de poemas: “Ventania do Infinito” (2012), “Ritmia: O Ritmo de vida” (2015) e “Mal sabe a Lua” (2016), além do “Entre Aspas” (2015), análises das obras da Fuvest e Unicamp. Pesquisa poesia contemporânea no DTLLC – Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada e possui experiência internacional com palestras sobre o ensino de Literatura de língua portuguesa, na Croácia e em Angola. Atualmente leciona a disciplina de Literatura em curso pré-vestibular. É ator profissional e fundador do canal “Literatura Fora da Escola” no YouTube. Contato: lucasilmberti@gmail.com